

A LEITURA DE IMAGENS E OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO

Monica Franchi Carniello¹ , Luis Fernando Zulietti²

¹ Universidade de Taubaté/ Faculdade Maria Augusta. Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social e do Mestrado em Gestão de Desenvolvimento Regional , R. do Colégio, 334 Taubaté, SP, monicafc@bol.com.br

² Faculdade Maria Augusta/ IBTA. Professor Doutor. R. Santa Catarina, 75, Jacareí, SP, zulietti@directnet.com.br

Resumo- As formas de produção e distribuição de imagens se multiplicaram no século XX devido ao acelerado desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, à digitalização dos meios de comunicação. As imagens se tornam onipresentes, transformando o olhar do homem contemporâneo. Esta pesquisa teve por objetivo avaliar os níveis de interpretação de imagens por parte de dois grupos, com graus de escolaridade distintos, verificando as semelhanças e diferenças nos processos de interpretação. Para tal, foi conduzido um experimento com amostra de quarenta pessoas, dividida em dois grupos de vinte pessoas com graus de escolaridade distintos. Para cada grupo, foram exibidas as mesmas vinte e cinco imagens, sendo todas elas imagens de síntese, ou seja, que foram criadas no computador sem que houvesse uma referência em um objeto real. Foi pedido para as pessoas participantes que definissem, com uma única palavra, cada imagem exibida. Foi possível constatar que grupos com graus de instrução distintos têm formas diferentes de proceder ao interpretar imagens: o grupo com grau de instrução mais baixo priorizou as relações icônicas; o grupo com grau de instrução formal mais elevado priorizou as relações simbólicas.

Palavras-chave: imagem; signo; interpretação.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação Social

Introdução

O século XX foi marcado pelo acelerado desenvolvimento tecnológico, o que viabilizou, na área da comunicação, novas formas de produção de imagens, intermediadas por aparatos eletrônicos e digitais que fizeram deste período o “século da imagem”. Mais do que multiplicar os recursos e formas de produção de imagens, as formas de reprodução e distribuição amplificaram-se, fazendo com que as linguagens visuais se tornassem onipresentes na sociedade contemporânea. As referências visuais da fotografia, do cinema e das imagens digitais fazem parte do imaginário e da cultura desta sociedade.

Durante a construção cultural do homem, aparatos foram criados com o objetivo de potencializar as habilidades comunicativas naturais do homem. As técnicas de produção de imagens criadas no século XX foram todas fundamentadas em aparatos tecnológicos, como a fotografia e o cinema, que partiam do princípio de reproduzir uma imagem a partir de um objeto real. Registravam imagens a partir da incidência de luz sobre um objeto físico, criando uma representação a partir daquilo que era “fornecido” à câmera.

Com a difusão da linguagem digital e a convergência dos recursos de produção para uma meta-mídia, o computador, os processos de produção de imagem sofrem alterações. As imagens produzidas não necessariamente devem ser geradas a partir de um objeto real. É possível gerá-las apenas a partir do código binário, que

fundamenta a linguagem digital. É o que chamamos de imagem de síntese. No computador, luz e sombra são calculados, assim como as dimensões e texturas, o que necessariamente rompe com a imagem analógica. O resultado dos dois tipos de produção de imagens também é diferente. O grande paradoxo das imagens de síntese é que elas são perfeitas demais, possuem um excesso de sistematização, de geometrismo. Segundo Santaella e Nöth (1999) as imagens historicamente evoluíram das imagens pré-fotográficas, produzidas manualmente, para as fotográficas, produzidas por máquinas sensoriais, passando posteriormente para as imagens de síntese, produzidas aleatoriamente por computação gráfica sem relação com o objeto referente.

As tecnologias da imagem transformaram o olhar do homem trazendo, entre outras coisas, uma nova percepção espacial. É fundamental que a imagem seja reconhecida como texto essencial para a comunicação, porém, apesar de vivermos cercados de imagens, não aprendemos, no entanto, leitura de imagens na educação básica formal, sendo que as interpretações e construções geralmente são aprendidas empiricamente. Dondis (1997) afirma que criar e compreender mensagens visuais é natural até certo ponto, mas que a eficácia, em ambos os níveis, só pode ser alcançada através do estudo.

As mudanças nos processos de produção e distribuição de mensagens geradas pelas tecnologias de comunicação, fundamentadas na

linguagem digital, ocasionou também uma redefinição dos papéis atribuídos ao emissor, receptor, mensagem e canal, antes bem distintos, segundo a teoria matemática da comunicação, proposta por Shannon e Weaver¹. Com os recursos da informática existentes atualmente, o próprio autor pode exercer também a função de editor, pois é capaz de editar, diagramar, imprimir e distribuir seu texto, acumulando papéis antes claramente definidos. A mudança do papel do receptor é proporcionada pelo resgate da comunicação de mão dupla nas mídias interconectadas em rede, anteriormente minimizada pelos meios de comunicação de massa. É impossível hoje pensar no receptor como o oposto do emissor, pois vivemos em meio a modelos participativos de construção de mensagens.

Esta pesquisa teve por objetivo avaliar os níveis de interpretação de imagens por parte de dois grupos distintos, com graus de escolaridade distintos. Com isso, tornou-se possível verificar se a familiaridade e uso das técnicas de produção de imagem contemporâneas, características de pessoas com grau de instrução mais elevado, alteram a capacidade de leitura de imagem das pessoas, ou se a simples superexposição a qual todos estão submetidos já é suficiente para que todos alcancem um nível similar no processo de interpretação de mensagens, independentemente do grau de escolaridade.

Assim, objetivou-se verificar se existem diferenças de interpretação de imagens abstratas entre pessoas com níveis de escolaridade diferentes e descobrir se existe um padrão ou referenciais comuns nas respostas de cada público.

Semiótica: a ciência da representação

Como referencial teórico, adotou-se a Semiótica, por ser a ciência da representação, que “serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não-verbal.” (Pignatari, 2004, p. 20)

O elemento fundamental da Semiótica é o signo, também chamado de *representamen*, que [...] é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais

desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen. (Peirce, 1977, p. 46)

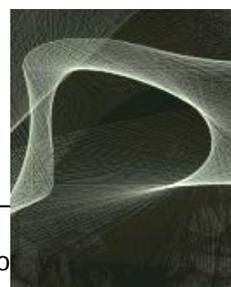
Há três categorias de signos: ícones, índices e símbolos. Os ícones, que são signos que têm em sua estrutura uma relação de similaridade com seu objeto designado. Carregam em si as mesmas qualidades ou parte delas que os próprios objetos possuem. Já os índices são signos que mantêm uma relação de contigüidade com o objeto, ou seja, que são uma chave para um procedimento que permite definir o seu objeto. Finalmente, o símbolo descarta as relações de similaridade com o objeto, fundamentando-se em relações convencionais ou arbitrárias estabelecidas culturalmente.

Esta pesquisa verificou se os diferentes grupos, com graus de instrução distintos, priorizavam as relações icônicas, indiciais ou simbólicas ao interpretarem as imagens às quais foram expostos.

Materiais e Métodos

Para atingir os objetivos desta pesquisa, foi conduzido um experimento com uma amostra de quarenta pessoas, divididas em dois grupos de vinte. O primeiro grupo foi formado por pessoas de elevado grau de escolaridade, todos cursando pós-graduação *lato-sensu*. O segundo grupo foi formado por vinte pessoas com baixo grau de instrução, sendo que todas elas não haviam completado o ensino fundamental.

Para cada grupo, foram exibidas as mesmas vinte e cinco imagens, sendo todas elas imagens de síntese, ou seja, que foram criadas no computador sem que houvesse uma referência em um objeto real. Foi pedido para as pessoas participantes que definissem, com uma única palavra, cada imagem exibida. Cada participante recebeu uma folha em branco e as instruções de reproduzir o número da imagem, visto que todas eram identificadas numericamente, e ao lado registrar a palavra selecionada. Nenhuma outra explicação foi dada, mesmo quando surgiram perguntas. Apenas reforçou-se que era para definir a imagem com uma palavra. Abaixo, algumas das imagens apresentadas aos grupos.



¹ SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. The Mathematical Theory of Communication, USA: University of Illinois Press, 1949.

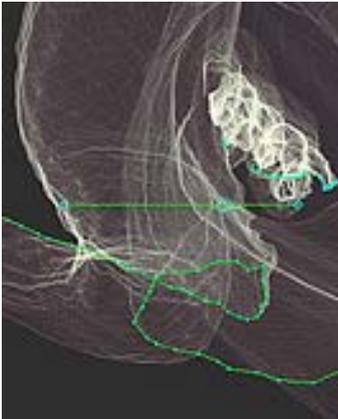
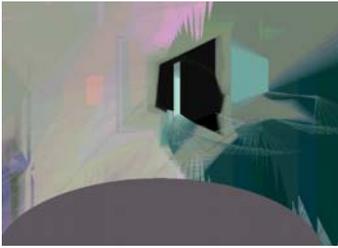


Figura 1 – Imagens de síntese utilizadas no experimento

Resultados

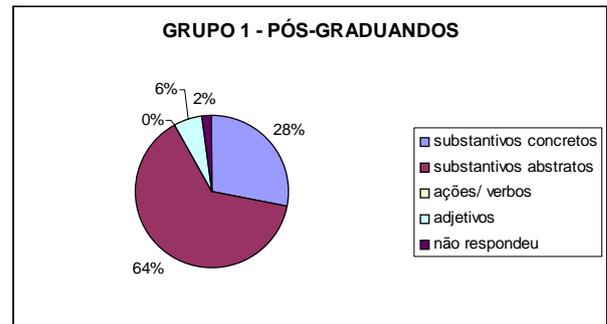


Figura 2 – Gráfico: classificação das respostas do grupo de pós-graduandos. Coleta de dados feita em setembro de 2006.

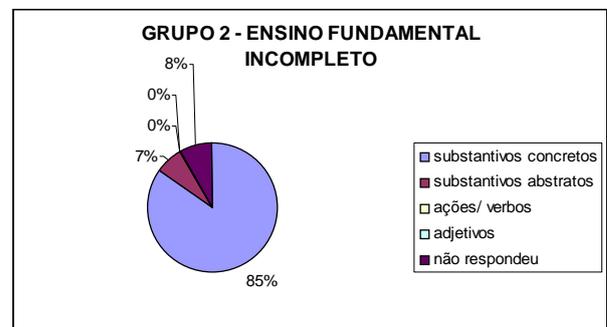


Figura 3 – Gráfico: classificação das respostas do grupo de pessoas com ensino fundamental incompleto. Coleta de dados feita em setembro de 2006.

Conclusão

A partir dos resultados acima, foi possível verificar os seguintes pontos:

- grupos com graus de instrução distintos têm formas diferentes de proceder ao interpretar imagens;
- apenas a superexposição a imagens no cotidiano não garante que as pessoas que tiveram pouco acesso à educação formal adquiram a mesma forma de interpretar imagens que pessoas que tiveram maior acesso ao estudo;
- o grupo com grau de instrução mais baixo priorizou as relações icônicas no processo de interpretação das imagens, visto que 85% das associações foram feitas com substantivos concretos;
- o grupo com grau de instrução mais elevado priorizou as relações simbólicas, já que 64% das associações foram feitas com substantivos abstratos, dos quais destacaram-se os sentimentos e sensações.

- é possível inferir que o fato das pessoas com grau de instrução mais elevado terem acesso aos meios de produção e distribuição de mensagens, entre eles o computador, permitem com que tenham maior capacidade de abstração e mais familiaridade com a leitura de imagens.

Referências

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2 ed, 1997.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PIGNATARI, D. **Semiótica & literatura**. 6 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, L. e NÖTH, W. **Imagem, cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1999.